

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Alfredo Henrique Licursi

Centro de Memória Professor Alfredo Henrique Licursi

Escola Técnica Estadual Dr. Júlio Cardoso

Franca/SP

2024

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Instituição: Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevistadora conheceu, o Diretor Prof^o Alfredo Henrique Licursi, através de seu trabalho como professor e diretor nos documentos do acervo do Centro de Memória, que tem o seu nome como Patrono, na Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2004. Foi um grande educador, disposto a tudo por seus alunos, oferecendo o que havia de melhor para a formação e educação de seus educandos.

Elaboração do roteiro de pesquisa: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Local da Entrevista: Centro de Memória Prof^o Alfredo Henrique Licursi

Data: 02 de maio de 2024

Duração: 44 minutos e 19 segundos

Número de vídeo: 01 (um)

Transcritora: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação”, durante a capacitação Clube de Memórias XLV, proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica: “Arte, Cultura e Tecnologia”, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, em março de 2024, com o entrevistado Alfredo Henrique Licursi. Convidei o referido professor, por ser o Patrono do

Centro de Memória Profº Alfredo Henrique Licursi, da Etec Dr. Júlio Cardoso, que é um grande educador e, por seu profissionalismo de excelência, cultiva laços afetivos e de amizade com a Unidade Escolar.

Transcrição da entrevista

Transcritora: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Data da transcrição da entrevista: 03 de maio de 2024

Data de recebimento no GEPEMHEP: 13 de agosto de 2024

Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro (MMM): Professor Alfredo Henrique Licursi, é um prazer tê-lo aqui na nossa escola novamente, fazendo parte dessa entrevista para o trabalho de pesquisa, que apresentarei em outubro. Seja muito bem-vindo, gostaria que o Sr. se sentisse à vontade para falar um pouco de sua vida.(risos)

Alfredo Henrique Licursi (AHL): Eu agradeço muito esse pedido, esse convite para estar aqui presente e contribuir mais uma vez com a Escola Industrial. Porque eu acho que a nossa antiga Escola Industrial tem memórias que não podem ser esquecidas, então a gente está aí para colaborar, à vontade eu estou, mas emocionado estou muito mais.

MMM: Muito obrigada! Onde o Sr. nasceu e em quais escolas o Sr. estudou?

AHL: Eu nasci aqui em Franca, mesmo, eu sou um cidadão da cidade, em 16 de setembro de 1944. Meus pais, eram de São Carlos/SP, mas tinham vindo à Franca há algum tempo, porque eu sou o filho mais novo do casal. Meu pai também se chamava Alfredo Licursi, era alfaiate e minha mãe, era do lar. Ela ficava em casa, nunca trabalhou, nada. Apesar dela não ter cursado muito a escola, ela era dona de um saber grande. E, foi nesse ambiente, com dificuldades, com lutas, que nós os filhos que éramos em três chegamos a uma posição que deu para a gente se satisfazer. As escolas que eu estudei, eu fiz meu curso primário, naquele tempo não era muito de se encaminhar ao Jardim da Infância, a gente já ia direto ao primeiro ano, eu estudei em uma escola tradicional do governo, no Grupo Escolar Coronel Francisco Martins. Eu comecei meu primeiro ano em 1955, após esse período, eu fui fazer o Ensino Médio, aliás o Ginásial eu fiz no Torquato Caleiro. Ir para o Torquato Caleiro era uma glória, era difícil de ter, porque tanto esse

Grupo Escolar Francisco Martins era a primeira escola de Franca e o Colégio Torquato Caleiro já vinha a seguir, era uma sequência, era passar de um quarteirão para o outro quarteirão, e era uma glória estudar nessas escolas. Não existiam escolas privadas, eram essas daí que tinham e eram uma glória essas escolas. Para o Instituto Torquato Caleiro eu fui em 1962, porque eu fiz um ano no Instituto Francano de Ensino, para ter companhia para ir, era a primeira série de ginásio, para ter companhia para ir para a escola com o irmão mais velho. Já no nível médio, segundo grau, eu fiz no IETC, eu iniciei lá no Científico e iniciei no curso de Formação de Professores Primários, eu sentia no primário que eu me encontrava um pouco ali, eu me animava muito com os trabalhos de prática que eram não sei, hoje eu vejo assim que parece que o curso Normal da minha época parece que corresponde a uma faculdade, foi onde eu aprendi a dar aula, onde eu aprendi a escrever corretamente numa lousa. Então eu me sinto assim engrandecido de ter feito esse curso Normal no Torquato Caleiro, para lá eu fui em 1965 e saí de lá só depois que completei o segundo grau. Já no Ensino Superior, eu não tinha posses para estudar fora, não tinha dinheiro para estudar fora, então eu podia escolher aquilo que estava mais fácil e tinha sido aberto a dois quarteirões da minha casa a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Franca que estava funcionando há um ano, então eu prestei e passei na faculdade e fui fazer a Faculdade de Geografia, quatro anos depois, eu concluo em 1969. Em seguida, o curso de Geografia, as grades disciplinares dos cursos, elas andaram dando uma mudada rapidamente, então surgiu os Estudos Sociais, porque formar em Geografia daquela época era o máximo, ser professor era o máximo, a gente era visto com outros olhos um professor de segundo grau e professor de faculdade, aí eu fui fazer, tive que complementar essa minha Geografia, porque surgiu os Estudos Sociais, então eu fui fazer Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Barão de Mauá, em Ribeirão Preto/SP, onde eu conclui em 1973, não bastava, por que a gente queria ver dentro da área o que mais poderia fazer, aí então eu fui fazer Ciências Sociais, na Barão de Mauá e me formei em 1975. Logo após, já com a alta da Educação Moral e Cívica eu tive que fazer uma outra faculdade, então eu fiz junto a habilitação não era bem uma faculdade era uma habilitação, você fazia em um ano as disciplinas que faltaram neste curso de Ciências Sociais, então eu fiz Educação Moral e Cívica. A Educação Moral e Cívica abria campo para a gente não só na área de História, de política, mas para Sociologia que era muito importante, que era uma outra disciplina que existia. O pessoal como ACT tinha que ficar procurando curso para manter suas aulas no ano posterior, embora a gente também estava vindo de um período que não existia tanto professor e as faculdades não eram em grande quantidade como existe hoje, então se você formasse você ficava sempre no pico dessas aulas, que a gente chamava bolão do ACT. Em seguida, com visão em prestar Concurso de Direção ou mesmo uma substituição ou qualquer coisa, eu fiz uma habilitação em Pedagogia com ênfase em Supervisão Escolar, na Faculdade de Filosofia José Olímpio, em Batatais/SP,

em 1984, hoje é a Faculdade Claretianos. Em 1980, conclui o Curso de Pedagogia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava/SP, nesse tempo não existia ensino da distância, então a gente ficava aí por estradas quando não era uma faculdade era um curso que a gente estava fazendo para melhorar as condições da gente e assim o básico foi feito, em questão de Pós-Graduação eu não dava conta pelo o que eu tinha que ganhar e tinha que trabalhar, então eu fiz créditos de Pós-Graduação na USP e um deles foi o que eu considerei mais importante eu desenvolvi esse trabalho na USP de São Carlos/SP, na Faculdade de Engenharia, onde eu fiz um curso de Geologia, de um ano e meio, foi muito bom, tive os créditos, recebi o diploma desta parte tudo, mas foi um curso que me fez crescer e, em concurso, fui aprovado em Geografia em 1978, naquele tempo que o concurso era muito difícil que a gente escolhia a cadeira lá na Caetano de Campos, a gente ia lá tinha o salão cheio de gente para escolher, era uma cerimônia de escolha, foi onde eu escolhi Franca. Naquela época a vaga de Franca não tinha conseguido em tempo hábil ser incorporada no concurso por que senão eu teria pego porque eu estava muitíssimo bem classificado, então eu precisei escolher a Escola Barão da Franca, em 1978,, e depois, eu vim para cá. Na realidade, sempre como efetivo eu sempre trabalhei com o Ensino Técnico, eu comecei em 02 de setembro de 1968 em uma escola vizinha, em Batatais a dar aula de Geografia e me dividiu muito, porque eu gostei muito da escola e eu não sabia se deveria vir para Franca ou não, até que na época o Sr. Evaristo Fabrício, foi um dos grandes diretores desta escola, era meu amigo de faculdade. Na faculdade dele ele tinha feito Educação Física e ele resolveu fazer Geografia, então foi o grande amigo, grande professor, ele que me ensinou todos os macetes de Escola Industrial. Por esse motivo a primeira vaguinha que teve ele me incluiu em Batatais e a primeira em Franca, ele me trouxe à Franca, mas sim em caráter ACT, em caráter temporário. Essa foi minha vida além de pequenos cursos, participações em Simpósios em grande parte do Brasil, como membro do Conselho Nacional de Geografia eu tive oportunidade de fazer curso em Vitória/ES, fazer curso em Blumenau/SC, fazer curso na área de Cerrado de Minas, então a gente se deslocava e o que ajudava muito a faculdade era a perua Kombi que era disponibilizada da Escola Industrial e disponibilizada a nossa ida para essas viagens, ela disponibilizava para a Secretaria da Educação que até então era separado, as escolas industriais não tinham nada a ver com as escolas do estado, aqui era o Departamento de Ensino Técnico e lá era a Secretaria da Educação, tanto é que a gente não concorria em atribuições de aula na mesma hora, tinha atribuição de aula da Secretaria da Educação e tinha a Secretaria de aula, só depois que elas se unificaram já quase quando passou para a Fundação Paula Souza.

MMM: Certo! O Sr. foi aluno na Etec? Não.

AHL: Não, uma pena, infelizmente, morava sempre muito perto, dois quarteirões daqui, sempre morei perto.

MMM: Então está bom! O Sr. ingressou primeiro aqui em Franca, na Escola Agrícola?

AHL: Não!

MMM: Não também!

AHL: Na Escola Agrícola eu nunca fui efetivo. Na Escola Agrícola eu fui quando ela era só Ginásio Técnico e eu lecionei uns dois anos lá, entende, era uma escola muito pobre de recursos, as acomodações dos alunos internatos era paupérrimo, era muito difícil e a clientela também eram filhos de funcionários de fazendas. Era aquele produto que a gente tinha que trabalhar com muito cuidado, porque tinha que chegar algum conhecimento nele, principalmente terra então a gente ficava um pouco entre a parte agrícola e a geografia, olhando as análises de terra para gerar interesse dos alunos em participar. Então era um ensino que a gente não poderia ter um material didático muito apropriado, porque eles queriam saber da fazenda deles, do sítio deles e eles ficavam aqui no internato e a gente dava aula, era um lugar que dava muito prazer, inclusive da gente ir fora de dia de trabalho, a gente queria estar com eles, eles precisavam muito, muito, muito, de professor, de amigo, de conselheiro, sei lá, de gente que estava ali, ficava num lugar ermo na minha época.

MMM: Perfeito! Logo depois, o Sr. veio como professor na Etec Dr. Júlio Cardoso. Como foi seu período de aulas aqui?

AHL: Eu vim antes, eu já tinha dado aula antes aqui na Júlio Cardoso, quando eu saí que eu fui efetivado eu tive um convite depois de estar lá para ser Assistente de Diretor daqui, então para cá o período de aulas ficou antes, esse período. De 1982 até 1991, eu fiquei como Assistente de Diretor, meu cargo, sendo que dentro desse tempo eu ficava, às vezes, um ano, dois anos, três anos como diretor da escola. Depois de 1991, até a minha saída, é que eu fiquei ininterrupto já dentro da Fundação Paula Souza, eu já fiquei como diretor, fui o primeiro diretor da Fundação Paula Souza, na Escola Industrial. Como professor daqui eu gostava demais, demais, eu sempre fui um fã ardoroso do ensino profissionalizante, como professor eu já visitava todas as áreas, não tinha nada que era desconhecido para mim aqui dentro da escola. Eu visitava o laboratório que ensinava comidas, marcenaria, a datilografia, às vezes, faltava um professor de datilografia, eu ia, eu dava aquela aula, ficava aqui e nós tínhamos aula de segunda a sábado, então eu

passava aqui o meu tempo, sendo que depois eu parti para o Ensino Superior, trabalhei na UNIFRAN, então algumas noites eu dava aula lá e controlava os meus horários aqui.

MMM: Ótimo! O Sr. já vislumbra a direção da Etec?

AHL: Olha, eu vislumbrei até mais, porque quando foi o primeiro concurso que eu fiz aqui, eu preferi não entrar muito em detalhes, eu comprei toda a bibliografia, li tudo o que tinha para ler e não fui aprovado. Não fui aprovado por questões outras que eu não vou expor aqui, mas por exemplo o cargo de direção pelo fato de eu sonhar muito, de querer muito, eu tinha essa parte de direção, porque eu sozinho não conseguiria fazer aquilo que eu queria fazer, mas com os meus amigos professores, funcionários eu consegui, eu atingia, eu tive um ótimo relacionamento com os professores, ótimo, ótimo, ótimo, eu acho que não deixei mágoa para professor a não ser que tenha algum que foi contra o meu pensamento. Mas, eram muitos professores, nós chegamos a atingir dois mil alunos, porque quando eu vim para cá como assistente tinha outro assistente, eram duas escolas, era uma escola do segundo grau e era uma escola o ginásio, o técnico e o ginásio eram separados, eram dois diretores, eram dois assistentes, eram funcionários separados, diretoria separada, tudo separado. Aí eu entrei como diretor do ginásio, na parte ginásial, logo depois veio uma lei de que nenhum diretor poderia ocupar o cargo de direção se não tivesse Pedagogia e os professores daqui muitos não tinham o segundo grau, tiveram que fazer o segundo grau no sistema, não sei se supletivo, não sei como que foi, para poder fazer a faculdade, muitos deles, não foram poucos não. Então eles iam para Ribeirão faziam a faculdade, voltavam, trabalhavam porque o estado deu um tempo para eles se prepararem, nenhum saiu, todos foram, fizeram e acertaram, inclusive diretor para ocupar o cargo de direção não tinha pedagogia, não tinha faculdade, não tinha nível superior e os demais tinham, ficava uma situação meio embaraçosa dentro da escola, parece que a autoridade caía um pouco. Embora a prática desses professores era imensa, eu lembro da dona Elsa que foi a que eu mais convivi, a dona Elsa Ferrante, ela era uma idealista, ela era mãe, ela era tudo dentro da escola, tanto é que quando nós reformamos o salão de festa que estava aí parado há muitos anos, nós demos o nome de Elsa Ferrante, que é de um reconhecimento. Ela faleceu deve fazer uns três meses, mas era uma pessoa que falava em Escola Industrial, os olhos marejavam, aliás isso também era uma característica de vários professores, isso aqui foi uma escola, uma casa diferenciada, os nossos alunos tinham um internato, tinha uma casa aqui perto do Posto de Saúde, que era o Internato de Alunos, os que não cabiam lá, a escola pagava o aluguel de casas maiores para eles ficarem e nós da direção, nós tínhamos que visitar e zelar, nós tínhamos que ver a comida que eles comiam, nós tínhamos que ver roupa, acomodações, perigo etc. Um dia fui visitar a casa de um aluno em que ele estava dormindo num beliche a parte de cima coincidia

com o relógio da CPFL, tirei ele de cima daquilo ali e passei a focar nisso, onde está a energia elétrica, essas caixas ficavam dentro da casa. Então o disjuntor de liga e desliga estava pertinho da cabeça dele, assim existem muitos casos, menino que ficava doente, menino que morreu que a gente dava assistência na Santa Casa, a gente acompanhava, então era mais que escola. O Ensino Técnico Profissionalizante tem muito disso, a gente consegue ver o aluno que tem alguma deficiência de aprendizagem, a gente molda aquele aluno, a gente trabalha aquele aluno de forma diferente e torna-se um profissional maravilhoso, nós tivemos um mestre o professor Xavier na área de Informática que era fabuloso, o Luiz professor, o Herbert, todos esses são cria do Xavier, é algo diferente, a gente fala dessas pessoas para eles, eles mostram com lágrimas nos olhos o amor que existia aqui dentro, existe, estou falando do tempo que eu trabalhei, o Ensino Técnico sempre será o Ensino Técnico.

MMM: Muito bom! Como foi sua gestão como diretor de uma grande escola como a Etec?

AHL: Eu acho que o fato de eu gostar muito, ela foi muito satisfatória, porque eu me envolvia com todas as áreas, eu não tinha uma área de preferência, eu me envolvia com todos, eu me envolvi com a Eletricidade, conversava com eles, eles esmiuçavam o que era aquilo porque eu não entendia a fundo e tentava e resolvia, então eu acho que a escola teve dificuldades, porque nós não tínhamos verba, por exemplo mantínhamos a nossa Mecânica com muitos alunos, sempre a mais procurada na época com retalhos de ferro, de material, que a gente comprava nessas lojas dez centímetros, um quilo tudo em retalho e na minha época o professor Xavier com esses outros professores que eu citei, eles conseguiram consertar as máquinas aqui existentes. Então eles fizeram as peças para as máquinas, para os fornos que não tinham mais conserto, eles faziam as peças e reestruturavam tudo, então eles não tinham horário de aula, eles chegavam aqui de manhã, ia em casa almoçar, chegava à tarde, ia em casa jantar, chegava à noite, então eles ficavam assim, davam as aulas, sobrou um tempo eles não iam embora, ficavam aqui dentro consertando e nós tivemos todos os laboratórios que estavam sucateados, todos os laboratórios consertados, só isso já valeu. A mesma coisa com as máquinas da Marcenaria, aqui onde nós estamos conversando foi um laboratório de Fundição, Sr. Lander Bellato, ele fez coisas lindas aqui dentro, lindas, lindas, maravilhosas, tanto a Marcenaria como aqui na Fundição, bordados, comidas, no final do ano nós fazíamos uma feira que vendia e era essa feira que ia nos dar dinheiro para o ano todo, então terminava a feira eu corria comprar madeira em grande quantidade, comprar os retalhos de metal que precisava, aqui em cima desse forro ele tem um maquinário lindíssimo, a fornalha ficava aqui neste canto e o trabalho era contínuo, fazíamos cada porta-retrato maravilhoso, peças de valor, de arte, então para mim sempre foi muito prazeroso estar na direção porque eu conseguia realizar tudo o que eu não conseguia fazer, tudo

o que eu achava bonito, então eu vinha, isso será que não dá e eles sempre procuravam me agradar, eles tentavam o mais próximo possível dentro daquilo, mas bonito. Então onde eu via uma torneira, um pedaço de bronze, trazia e aqui era moldada e a peça era feita. Na Marcenaria, a gente desenhava os móveis que queríamos fazer, porta-chapéus, mesas de centro, camas, Franca é lotada de camas por aí ainda, porque era madeira maciça de camas que eram compradas aqui, maravilhosas, bonitas. A Escola Industrial serviu muito a população, inclusive aqui teve refeitório, eles comiam melhor do que qualquer um de nós em nossas casas, quem ficava no refeitório era a dona Lucila, não me lembro que cargo que era. A dona Lucila era esposa do Sr. Evaristo Fabrício, hoje ela está com mais de noventa anos, lúcida, muito bem, se vocês pudessem ir lá, ela tem muitas histórias, depois que fechou a cozinha e o refeitório, ela veio para a biblioteca em seus últimos anos, agora na cozinha, ela era uma expert, uma que ela trabalhava com materiais excelentes, dispunha de grandes geladeiras, máquinas de panificação, que a escola já teve tudo isto, máquinas grandes de lavar, caldeirões grandes, fogões grandes, tudo tinha aqui dentro e os alunos participavam desta área, eles distribuía os pratos, os talheres, todos os dia tinham sucos naturais, os outros deixavam os pratos em cima da mesa e eles recolham, por escala, recolham os pratos e já colocavam na máquina de lavar, lavavam o refeitório todos os dias no horário do almoço e do jantar, eles recebiam refeição completa, café, almoço e jantar. É uma escola completa, com as dificuldades da época, mas era uma escola completa. A parte de educação, a parte de sociabilidade, não tinha aluno que brigava nessa época, no finalzinho já começou a aparecer, eu inclusive estabeleci aluno que foge, que pula o muro, a escola é um quarteirão, pula o muro, você fica sabendo, o que eu fiz, abri os portões da escola, para os alunos e apertei o professor, agora a frequência passa a valer mais, o aluno está dentro de sala de aula, está dentro de sala de aula, o aluno está fora de sala de aula, o aluno tem falta, a frequência aprova ou reprova tanto quanto a presença e os portões permaneceram abertos, o período que eu fiquei não tinha problema com aluno, não tinha nenhum, ele ficava até a hora que ele queria, então é formar o aluno responsável, como você forma uma pessoa voltada para uma profissão se ela não tem responsabilidade.

MMM: Ao término de sua gestão aqui na escola o Sr. foi empreendedor, abrindo sua própria escola, fale um pouco desse período.

AHL: Então, enquanto eu estava aqui, à noite, naquele tempo tinha aula de sábado, eu dava aula na faculdade e lá eu fui um coringa isso por causa da área de Humanas, praticamente eu fechei, então eu dava aula nos Cursos de Pedagogia, com disciplinas pedagógicas, História e Geografia e práticas de ensino e Arquitetura que tem a parte que envolve Geografia, então trabalhei muito no Ensino Superior com Antropologia, Sociologia, chegando até a ser Diretor de

Departamento de Ciências Humanas da UNIFRAN, de 1991 à 1992. De 1991 até minha saída eu fui Diretor desta escola, porque o diretor chegava, se removia, ia embora e depois acabou, passou para o Ensino Técnico não tinha mais quem escolhesse aqui e eles começaram a reestruturar, então durante esse período de reestruturação lá, não teve mais esses concursos aqui, eu fiquei um grande período aqui. Você havia me perguntado sobre a minha parte de empreendedorismo. Eu comecei, tão logo eu saí daqui, eu comprei uma escola de Informática e naquela época era o que estava acontecendo de maior. Hoje não, hoje o menino aprende no telefone, não sei como, não sei de que jeito, os pais não se importam com o filho em saber Informática, eles acham que mexer no telefone, mexer no computador é o mesmo que saber, nós poderíamos ter hoje nesta área grandes nomes, porque eles tem uma facilidade imensa de aprender muita coisa sozinhos, mas a escola de Informática faz muita falta, é um negócio muito grande. Então eu cheguei a ter em Franca uma escola de Informática que contou com dois mil alunos. Era muito dinheiro, a gente nem sabia empregar, porque eu não nasci para isso, eu não sei administrar, meus filhos eram muito novos e iam comigo, mas essa escola passou depois a trabalhar com Ensino Técnico, colocamos vários cursos de cabelo, eu não ia colocar outra coisa, tinha que colocar um tipo de ensino técnico, de Eletricidade, pegava todos os eletricitistas da cidade para fazer este curso, vários outros em várias áreas, eram cursos às vezes menores, mas eu contava com um espaço físico muito bom, sempre muito bonito, muito bem arrumado, muito bem acertado, a administração que foi um pecado, então eu tive essa escola que passou depois, com a vinda do ensino à distância, eu peguei uma franquia, eu fui trabalhar com isso daí, formamos muita gente, muitas disciplinas à distância. Naquela época, não era totalmente à distância, existiam um pouco frequentando e um pouco à distância, foi tudo muito bem, passou, e hoje nós estamos com uma outra, só que aí eu já não estou mais, está meu filho e minha nora, então eles tem uma franquia muito grande, aqui na Rua Padre Anchieta e com muitos alunos, tem sido um sucesso, mas eu desde a pandemia, eu tive Covid-19, e eu não pude mais trabalhar e agora já vou fazer este ano 80 anos, tá na hora de descansar um pouco.

MMM: Sem dúvidas, muito bom! (risos) Bom, hoje suas atividades profissionais, o Sr. deu um tempo e agora o Sr. aproveita com a família.

AHL: É, eu estou em casa, não saio de casa, fico muito em casa, uma vida bem pacata, na base da simplicidade e dormindo mais cedo, acordando cedo.

MMM: Está ótimo! O Sr. tem algum sonho que não realizou e pretende realizá-lo?

AHL: Não! Eu não tenho sonho que eu pretendo realizar, agora estou na mão de Deus, a minha vida está na mão dele, o único sonho que eu tenho, que eu possa viver com simplicidade, sem ostentação, sem nada, com simplicidade mesmo, curtir os meus três filhos, as minhas duas noras, o meu genro, eu tenho uma filha que é Psicóloga, tenho um filho que é Engenheiro e tenho um filho formado na área de Ciência da Computação e tenho minha esposa que é aposentada também no ensino primário, já trabalhou também, estamos todos em casa e tenho um neto só, maravilhoso que toma meu tempo, meu sonho, minha vida é esta, rezar pelos amigos, para aqueles que eu já passei, com quem eu convivi, sou muito saudosista, eu lembro muito, muito das pessoas, dos meus antigos professores, dos colegas, aí eu lembro de tudo, lembro de diálogos antigos, muito bom.

MMM: Muito bem! O Sr. gostaria de falar algo que eu não perguntei?

AHL: Talvez, sim, a gente ficaria o resto do dia, porque eu iria falar só sobre Escola Industrial, só, mas vamos deixar para outra oportunidade, que aí a gente seleciona, cataloga alguma coisa, porque de memória eu não lembraria.

MMM: Está certo! Então, professor, eu agradeço o seu tempo a sua atenção para comigo, aqui em nossa escola e agradeço imensamente a sua presença aqui.

AHL: Eu que tenho que agradecer, porque vir aqui é sempre um prazer, se a gente não vem é porque os tempos mudaram, eu não vou encontrar aqui, as pessoas as quais conheci, isso já tira um pouquinho da liberdade e muitas vezes um diretor passando por aqui, parece que vem inspecionar,

MMM: Imagina.

AHL: Então, eu prefiro, quando convidado e quando tiver alguma coisa não deixem de me convidar, porque é sempre um prazer, foi aqui que eu vivi os mais felizes tempos e cuide bem dessa moçada sob a responsabilidade de vocês porque é o futuro do Brasil, o povo fala que a escola de antigamente era assim, escola de antigamente os alunos não faziam isso, mas e nós, como eram os professores antigos, então acho que mesclar essas coisas, humanizar mais a escola, socializar mais a escola é muito importante, onde o aluno se sente participante, integrado na escola, ele obviamente é aqui que ele vai procurar.

MMM: É verdade!

AHL: Eu, às vezes, conversando na Internet com algum aluno, eles lembram, o Sr. é o professor, nossa o Sr. lembra, eu saio para ir ao supermercado, para ir à missa, eu vejo o rostinho deles, não me esqueço de jeito nenhum, às vezes não lembro o nome, mas lembro da fisionomia e vejo no olhar a alegria que eles têm, o respeito que eles têm, isso é muito bom, é muito gratificante.

MMM: Sem dúvidas!

AHL: Eu vejo meu neto e ele me vê como um professor, ele me vê como uma pessoa importante.

MMM: Um ídolo!

AHL: É muito bom! Eu quem agradece, muito, relembrar esses tempos.

MMM: Muito obrigada!

Descritores:

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Alfredo Henrique Licursi

Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro

Patrono

Centro de Memória

Etec Dr. Júlio Cardoso

UNIFRAN – Universidade de Franca

Pedagogia

Departamento de Ensino Profissional

Dados Biográficos do Entrevistado



Alfredo Henrique Licursi - Nascido em 16/09/1944, em Franca/SP, completou o Ensino Primário no Grupo Escolar Coronel Francisco Martins, o Ginásial e Científico, na EE Torquato Caleiro. Formado em Geografia, em 1969 pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Franca. Possui um currículo consistente, formado também, em Estudos Sociais, em 1973, na Faculdade de Ciências e Letras Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, Ciências Sociais, em 1975, logo após, formou-se em Educação Moral e Cívica, Pedagogia, em 1980 na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava, Pedagogia com ênfase em Supervisão Escolar, em 1984, na Faculdade de Filosofia José Olímpio, em Batatais. Foi professor e diretor na Etec Dr. Júlio Cardoso, desenvolvendo uma gestão de excelência e compromisso na formação e educação de seus alunos. Deixando um legado de ensinamentos, emoções e valores transmitidos com quem conviveu.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro, formou-se no Curso Superior em Secretariado Executivo Bilingue, pela Faculdade Anhembi Morumbi, hoje Universidade Anhembi Morumbi, no ano de 1988, em São Paulo – SP. Em 2000, ingressou na Etec Dr. Júlio Cardoso, Franca – SP, como docente, pois iniciou o Técnico em Secretariado, portanto,

são 23 (vinte e três) anos ministrando aulas na Área de Gestão e Negócios. Em 2008, concluí a Licenciatura em Secretariado – Esquema I, oferecida pelo Centro Paula Souza, realizada na Unidade Escolar 078, a qual pertencço. Em 2016, concluí a Pós-Graduação (Lato Sensu), Especialização em “Secretariado Executivo: Assessoria Empresarial e Educacional”, na Área de Concentração de Ciências Sociais, Negócios e Direito, com carga horária total de 360 horas, no Centro Universitário Claretiano, em Batatais – SP.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Alfredo Henrique Licursi

Termo de Autorização para uso de Imagem de Alfredo Henrique Licursi